

# O ENSINO DO GÊNERO CRÔNICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PIBID EM PORTO NACIONAL - TO

## CHRONICLE TEACHING: REPORT OF A PIBID EXPERIENCE IN PORTO NACIONAL - TO

Ada Costa Araújo<sup>1</sup>

Thaís Valéria Guimarães dos Santos<sup>2</sup>

**Resumo:** *A experiência a ser relatada do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) aconteceu em parceria com a escola CEM Florêncio Aires localizada em Porto Nacional - TO. O projeto foi destinado para o ensino de línguas inglesa e portuguesa em escolas públicas na cidade de Porto Nacional com participação de acadêmicos do curso de Letras Inglês e Letras Português sob supervisão de coordenadores e professores da escola. Neste texto relataremos a fase em que levamos oficinas sobre o gênero literário crônica para auxiliar os alunos não só no reconhecimento do gênero, mas na produção de crônicas para a Olimpíada de Língua Portuguesa. Através de sequência didática em quatro oficinas, estudantes da unidade escolar e professores em formação alcançaram aprendizagens e desenvolvimento das competências escritora, no primeiro caso, e docente, no segundo.*

**Palavras-chave:** *Pibid. Crônica. Gêneros Discursivos. Formação de Professores. Língua Portuguesa.*

**Abstract:** *The experience to be reported from the Institutional Teaching Initiation Scholarship Program (Pibid) took place in partnership with the CEM Florêncio Aires school located in Porto Nacional - TO. The project was intended for teaching English and Portuguese in public schools in the city of Porto Nacional with the participation of academics from the English Language and Portuguese Language course under the supervision of school coordinators and teachers. In this text we will report the phase in which we take workshops on the literary genre chronicle to assist students not only in the recognition of genre, but in the production of chronicles for the Portuguese Language Olympics. Through a didactic sequence in four workshops, both students from the school unit and teachers in training achieved learning and developed writing competence, in the first case and teaching competence, in the second.*

**Keywords:** *Pibid. Chronicles. Discursive Genres. Teacher Education. Portuguese Language.*

1 Acadêmica do Curso de Licenciatura em Letras Língua Inglesa pela Universidade Federal do Tocantins - UFT. Bolsista do Programa de Iniciação à Docência (PIBID) subnúcleo Letras-Linguagens UFT - Porto Nacional. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5749559638186985>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4213-0922>. E-mail: [adacosta12@hotmail.com](mailto:adacosta12@hotmail.com)

2 Acadêmica do Curso de Licenciatura em Letras Língua Inglesa pela Universidade Federal do Tocantins - UFT. Bolsista do Programa de Iniciação à Docência (PIBID) subnúcleo Letras-Linguagens UFT - Porto Nacional. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0042741992914079>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8993-7304>. E-mail: [valeriathais.1@outlook.com](mailto:valeriathais.1@outlook.com)

# Introdução

O intuito do Pibid é fazer com que os alunos da graduação tenham contato precoce e contínuo com a escola e a profissão docente já a partir do 1º período do curso. Além de proporcionar essa experiência didática, o programa auxilia o acadêmico a participar da organização escolar e cotidiano da sala de aula, bem como a lidar com as dificuldades que os professores enfrentam. Com apoio das três escolas parceiras, seus supervisores e os coordenadores do subnúcleo, nós como discentes do curso de Letras Inglês e Português, trabalhamos o gênero crônica para que os alunos conseguissem um desempenho melhor nas Olimpíadas de Língua Portuguesa<sup>1</sup>.

De acordo com o Referencial Curricular do Ensino Fundamental do Tocantins (2009, p. 298), os alunos do 7º e 8º ano devem identificar informações relevantes para compreensão do gênero crônica, fábula, notícia e poema. Eles também precisam associar textos do gênero crônica com a vida cotidiana, linguagem coloquial, sensibilidade no contato com a realidade, síntese, lirismo, uso do humor, defende ou mostra um ponto de vista diferente do que a maioria enxerga, conta um fato do cotidiano, utilizando-se de personagens, enredo, espaço, tempo.

Segundo Schlatter, Laginestra e Pereira (2019, pg. 20),

a palavra “crônica”, em sua origem, está associada ao vocábulo “*khrónos*” (grego) ou “*chronos*” (latim), que significa “tempo”. Para os antigos romanos a palavra “*chronica*” designava o gênero que fazia o registro de acontecimentos históricos, verídicos, na ordem em que aconteciam, sem pretender se aprofundar neles ou interpretá-los. [...] A crônica contemporânea brasileira, também voltada para o registro jornalístico do cotidiano, surgiu por volta do século XIX, com a expansão dos jornais no país. [...] A crônica é um gênero que ocupa o espaço do entretenimento, da reflexão mais leve. [...] Ao escrever, os cronistas buscam emocionar e envolver seus leitores, convidando-os a refletir, de modo sutil, sobre situações do cotidiano, vistas por meio de olhares irônicos, sérios ou poéticos, mas sempre agudos e atentos.

Esse relato de experiência é fruto de muito esforço e aprendizado de acadêmicos no início da graduação do curso de Letras Português e Inglês que aprenderam na prática a realidade de uma escola pública. Demonstraremos todo o processo de preparação e as fontes que recorreremos para desenvolver as oficinas sobre crônicas em uma unidade escolar de Porto Nacional (TO) com ajuda de nossos professores e coordenadores.

## Metodologia e Métodos

Durante as oficinas do PIBID, enquanto atuamos como bolsistas ao longo das reuniões com os demais colegas, aprendemos a montar uma sequência didática (SD), que se configura como um conjunto de atividades, baseadas em um tema que tem por objetivo ensinar por etapas, conforme a proposta de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) para o trabalho com gêneros orais e escritos.

Toda SD deve ser planejada a partir de um objetivo, esse objetivo deverá atender as necessidades do aluno, com estratégias para desenvolver um melhor ensino-aprendizagem na sala de aula, assim facilitando a organização do trabalho do professor durante todo o ano letivo. Planejamos a nossa Sequência Didática para ser trabalhada em quatro módulos, cada etapa com objetivos alternados com foco em compreender as características de composição e estruturação de uma crônica, as práticas sociais de circulação

<sup>1</sup> Agradecemos à supervisora da unidade escolar, Gracivania Gomes Oliveira e às coordenadoras do subnúcleo de Letras - Múltiplas Linguagens, Adriana Capuchinho e Rubra Araujo.

e, por fim, a sua finalidade.

Além do planejamento de SDs, apoiamos-nos também na Base Nacional Comum Curricular, BNCC - EF (BRASIL, 2017) que foi adotado pelas escolas em 2019 e usamos como nosso guia, na Lei de Diretrizes e Bases - LDB (BRASIL, 1996, revisada em 2017) e nos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs (BRASIL, 1998). Durante as reuniões discutimos também o Projeto Político Pedagógico PPP (CEM FLORÊNCIO AIRES, 2018) das escolas que participavam do subnúcleo de Letras e nos pautamos no Projeto Político Pedagógico da UE em que atuamos para desenvolver nosso planejamento.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), já orientavam os docentes a utilizar os gêneros discursivos como mediadores de situações de comunicações verbais:

[...] quando um sujeito interage verbalmente com outro, o discurso se organiza a partir das finalidades e intenções do locutor, dos conhecimentos que acredita que o interlocutor possua sobre o assunto, do que supõe serem suas opiniões e convicções, simpatias e antipatias, da relação de afinidade e do grau de familiaridade que têm, da posição social e hierárquica que ocupam. Isso tudo determina as escolhas do gênero no qual o discurso se realizará, dos procedimentos de estruturação e da seleção de recursos linguísticos (PCN, 1998, p. 21).

Rojo (2014) apoiando-se em Bakhtin (1997), afirma que os gêneros são formas relativamente estáveis de enunciados, classificados em primários e secundários constituídos por estilo verbal, composicional e elemento temático. Todas as nossas atividades envolvem linguagem e nós utilizamos os gêneros discursivos sem nos darmos conta. Por estarem presentes em nossas falas e ações cotidianas formais e informais, são os gêneros que, de fato, organizam a nossa comunicação.

Nas oficinas, trabalhamos com gêneros discursivos sugeridos na maioria das vezes pela professora coordenadora do subprojeto na Universidade e/ou pela professora supervisora na escola campo.

No primeiro ciclo de oficinas trabalhamos uma SD com paródia de imagens, um texto multimodal, que foi utilizado como forma de ensinar a ironia, sátira e a crítica em diferentes temas. Através de imagens os alunos apresentaram críticas políticas e sociais. No segundo ciclo aprendemos e trabalhamos a leitura e escrita de crônicas e sua magia da crítica por trás de ironia e humor. Nosso terceiro e último gênero trabalhado e produzido foi história em quadrinhos em língua inglesa com produção final realizada no software HagáQuê<sup>2</sup>.

## Relato de Experiência

Este relato foi baseado nas atividades feitas nas oficinas do gênero crônica, vivenciadas no Centro Educacional de Ensino Médio Professor Florêncio Aires, com o propósito de expor honestamente as experiências enquanto atuamos como bolsistas no Programa de Iniciação à Docência (PIBID), auxiliados por uma professora supervisora da própria escola e uma coordenadora do subnúcleo do Pibid Letras-Linguagens da UFT de Porto Nacional e docente do curso de Letras- Língua Inglesa no mesmo *câmpus*.

Inicialmente planejamos a realização das oficinas em grupo, pautada na metodologia de Sequência Didática orientada pela professora supervisora e pela coordenadora do projeto. Montamos uma sequência didática baseada na BNCC e no PCNs, planejamos quatro oficinas recheadas de atividades e sem nos esquecer de adicionar planos “b” e “c”, caso surgissem alguns imprevistos.

Iniciamos o trabalho na escola com um grupo de estudantes voluntários em contraturno das aulas regulares. O grupo variou de 5 a 10 estudantes por oficina. Isso nos permitiu maior atender cada aluno mais de perto, uma vez que éramos 5 professores em formação, além de proporcionar maior interação entre eles nas discussões e na escrita e reescrita.

<sup>2</sup> O software foi desenvolvido pelo Núcleo de Informática Aplicada à Educação (Nied) da Unicamp. Disponível para download em: <https://www.nied.unicamp.br/projeto/hagaque/>

Para começar, procuramos, no primeiro módulo da SD, avaliar o conhecimento prévio dos estudantes sobre o assunto por meio de conversas e perguntas como: “O que é uma crônica e quais são as suas principais características?”; “Onde encontramos uma crônica facilmente?”. Nesta etapa apresentamos tudo aquilo que eles não sabiam para que pudessem produzir conforme o que eles aprenderam.

**Figura 1.** Escrevendo sobre crônica.

**Figura 2.** Lendo crônicas com os alunos.



**Fonte:** Ada Costa

**Fonte:** Ada Costa

Como planejado, realizamos uma breve explicação do conceito de “crônica” e “entrevista” juntamente com o outro grupo de professores em formação participantes do Pibid e com os alunos da escola que iriam participar das oficinas, utilizando slides e realizando uma conversa com os estudantes observando seus conhecimentos prévios em relação a cada texto para que, após as explicações sobre os temas, os alunos pudessem escolher por autonomia o grupo representante do gênero que gostariam de participar. Eles optaram em qual grupo gostariam de participar e com qual gênero tinham mais afinidade.

Na primeira oficina pedimos uma produção inicial para saber o que os alunos tinham como bagagem sobre o que era uma crônica, e o resultado não foi o esperado, pois os alunos não conseguiram desenvolver uma explicação das histórias. Como planejamos, levamos crônicas prontas com diferentes temas como exemplares para que os alunos pudessem ter o máximo de insumo possível para, assim, compreender e produzir. Distribuimos a coletânea de crônicas organizada e disponibilizada pelo programa “Escrevendo o Futuro” (2019) criado pela Fundação Itaú social e pelo Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (CENPEC), para as escolas se prepararem para a Olimpíada de Língua Portuguesa realizada em parceria com o Ministério da Educação (MEC).

Após a leitura dos textos, o passo a passo da realização de uma crônica foi explicado e em seguida, solicitado que eles desenvolvessem seu próprio texto de acordo com a sua criatividade e com as dicas expostas para se manter fiel ao gênero. Os alunos pareciam ansiosos e animados com a ideia de criar seu próprio texto. A oficina foi finalizada com a leitura dos textos em voz alta.

**Figuras 3 e 4.** Alunas produzindo o primeiro rascunho de uma crônica



**Fonte:** Ada Costa

Ao longo das oficinas de crônicas percebemos que a maior dificuldade dos alunos estava relacionada à leitura e à interpretação, o que nos surpreendeu por serem alunos de 7º e 8º anos.

Na segunda oficina, escolhemos ler a crônica **A bola** de Luís Fernando Veríssimo (2001). Após a leitura, pedimos para que os alunos explicassem o que haviam entendido e, a maioria, com uma leitura titubeante e pouca noção de interpretação textual, disseram não ter entendido o texto. Decidimos então ler o texto novamente, dessa vez o lemos dando ênfase nas falas dos personagens e trazendo mais emoção para a leitura. Perguntamos novamente o que tinham entendido, e um dos alunos em poucas palavras recontou a história, mas não soube nos dizer a crítica que a crônica trazia por trás da ironia. Foi nesse momento que entendemos que nossos alunos precisavam de mais atenção e outra abordagem para entender melhor o tema. A crônica “A bola”, relata a vida de um menino que ganha uma bola do pai, mas não sabia o que era e nem como funcionava. O garoto era fã de videogame e enquanto demonstrava desinteresse pela bola, o pai observava como ele tinha habilidade em jogar com um controle e uma televisão e pensou que, se a bola tivesse um manual em inglês, talvez seu filho se interessasse em aprender a usá-la. A crítica é em torno da tecnologia, e o desinteresse das crianças por brincadeiras que não são tecnológicas com botões e manuais de instruções.

Depois de explicar a crítica e perceber que eles realmente estavam refletindo sobre a crônica lida, realizamos uma recapitulação e criamos uma explicação usando outro gênero, como um elemento comparativo para sanar maiores dúvidas que apareceram durante a criação do texto. Desse modo, fizemos a comparação entre crônica e conto citando suas semelhanças e diferenças para facilitar o entendimento, pois em seguida os alunos começariam a fazer o esqueleto e rascunho de escrita da crônica.

De acordo com Alfredo Bosi, (1994, p. 07)

O conto cumpre a seu modo o destino da ficção contemporânea. Posto entre as exigências da narração realista, os apelos da fantasia e as seduções do jogo verbal, ele tem assumido formas de surpreendente variedade. Ora é quase-documento folclórico, ora quase-crônica da vida urbana, ora quase-drama do cotidiano burguês, ora quase-poema do imaginário às voltas, ora, enfim, grafia brilhante e preciosa voltada às festas da linguagem.

Após explicar a diferença entre conto e crônica e perceber que eles tinham realmente entendido, pedimos para os alunos corrigirem e/ou refazerem as crônicas feitas por eles nas oficinas anteriores. Foi interessante observar esse momento, pois eles tiveram uma noção maior e foram corrigindo os textos. Percebemos que eles tinham percebido a diferença e estavam desenvolvendo melhor suas ideias sobre crônicas.

## Figuras 5 e 6. Dinâmica



Fonte: Ada Costa

Fonte: Ada Costa

Na semana seguinte aconteceu a terceira oficina, fizemos no primeiro momento, uma dinâmica de comandos. Estávamos com tempo e como era a nossa penúltima oficina, queríamos conhecer mais os alunos que estavam conosco há algumas semanas. A dinâmica consistia em dizer uma palavra chave e os alunos participantes deveriam dizer outras palavras baseadas na palavra dita, por exemplo: se dissessemos a palavra “felicidade”, eles diziam “brincar”, “família”, “comer” ou outras, algo relacionado com a palavra comando. Eles não só responderam com outras palavras, mas começaram a contar histórias pessoais sobre cada um dos temas que iam surgindo. Foi um momento superlegal e também emocionante. Em alguns momentos os alunos começaram a contar sobre a realidade de suas famílias e assim pudemos entendê-los e associar os relatos com os temas que eles escolheram para escrever nas crônicas.

A dinâmica foi feita em uma disciplina de psicologia que tivemos na universidade e levamos para as oficinas com o intuito de fazer os alunos se abrirem mais com a gente. Esta brincadeira simples nos ajudou a conhecer a realidade e um pouco mais das características de cada um dos alunos. Ficamos surpresos com a forma que eles falaram sobre suas vidas e famílias, essa simples dinâmica fez os alunos se aproximarem mais de nós. Sentimos como se eles tivessem uma relação de confiança conosco.

No segundo momento solicitamos que os estudantes escrevessem suas crônicas baseadas no rascunho que fizeram da oficina anterior. Foi interessante observar a diversidade de temas que os alunos escolheram. Trabalhar com o gênero crônica nos deu a oportunidade, não apenas de conhecer mais os alunos, mas de observar como eles desenvolveram as ideias que passamos e usaram acontecimentos do cotidiano deles para produzir a crônica. Cada um fez do seu jeito e deixou sua marca na crônica. Foi interessante observar como as histórias estavam ligadas com a vida real de cada um (só foi possível observar isso por causa da dinâmica dos comandos).

Fizemos a avaliação indicando o que deveria ser melhorado e orientamos que fosse entregue um texto final, focando em uma boa caligrafia e correção gramatical, pois nosso objetivo era fazer uma exposição de todos os textos no pátio da escola. Ao final, todos os alunos prestigiaram seus textos sendo colados no mural, orgulhosos de seus respectivos trabalhos.

Figura 7. Colando seus textos no mural.



Figura 8. Supervisora e pibidianos



Fonte: Ada Costa

## Considerações

Afirmar que depois de muitos estudos, pudemos ajudar alunos a desenvolverem crônicas criativas, humorísticas e críticas, nos dá muito orgulho. Este relato faz parte da totalidade do subprojeto do Pibid, pois aqui compartilhamos conhecimentos, experiências e, assim, temos todos a oportunidade de aprendermos uns com os outros dando total sentido à vida em comunidade.

Acompanhar o processo de aprendizagem desses alunos foi uma experiência incrível, não só por conhecer mais da realidade deles, mas por aprender na prática como é o ensino e aprendizagem nas escolas públicas. Fazer parte do PIBID foi algo de muita importância na nossa formação docente e pessoal. O programa foi um facilitador de conhecimento escolar, teórico e principalmente prático. Com a experiência pudemos aliar teorias de ensino apresentadas nas aulas teóricas de estágio, as oficinas do PIBID e as aulas observadas na escola, tudo isso foi aos poucos alimentando e expandindo a nossa experiência como futuras professoras de língua inglesa.

## Referências

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994.

BRASIL. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional (LDB)**. Brasília: Senado Federal, 2017. Disponível em: [https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei\\_de\\_diretrizes\\_e\\_bases\\_1ed.pdf](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei_de_diretrizes_e_bases_1ed.pdf). Acesso em: 23 ago. 2020.

\_\_\_\_\_. **Parâmetros Curriculares Nacionais. Língua Portuguesa: Ensino Fundamental II**, (1998). Brasília: MEC.

\_\_\_\_\_. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: [http://basenacional-comum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacional-comum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf). Acesso em: 15 ago. 2020.

\_\_\_\_\_. **Pibid - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência**. Brasília: Fundação CAPES, 2018. Disponível em: <https://www.capes.gov.br/educacao-basica/capespibid/pibid>. Acesso em: 31 jul. 2020.

CENTRO DE ENSINO MÉDIO PROF. FLORÊNCIO AIRES. **Projeto político-pedagógico**. Porto Nacional: Diretoria Regional de Educação de Porto Nacional, 2018.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M. SCHNEUWLY, B., Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: DOLZ, J., SCHNEUWLY, B. **Gêneros e Escritos na Escola**. Trad. Org. ROJO, R., Cordei-

ro, G. S. São Paulo: Mercado das Letras, 2004, p. 95-128.

OLIMPÍADA DE LÍNGUA PORTUGUESA (OLP). **A Ocasão Faz o Escritor**. Coletânea de Crônicas. São Paulo: Cenpec, 2019. Disponível em: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/arquivos/7928/coletanea-cronica.pdf>. Acesso em: 07 set. 2020.

ROJO, R; BARBOSA, J. P. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

SCHLATTER, Margarete, LAGINESTRA, Maria Aparecida, PEREIRA, Maria Imaculada. **A Ocasão Faz o Escritor: caderno do professor. Orientação Para Produção de Textos: crônicas**. São Paulo: Cenpec (Coleção da Olimpíada), 2019. Disponível em: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/arquivos/8147/caderno-cronica.pdf>. Acesso em: 06 set. 2020.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. A Bola. IN: Veríssimo, L. F. **Comédias para se ler na escola**. São Paulo: Objetiva, 2001.

Recebido em 30 de novembro de 2020.

Aceito em 11 de dezembro de 2020.